

Como morder o mar♦ (ou na trilha sonora de uma análise)

Marcus André Vieira

Este texto apresenta o percurso de uma psicanálise dando ênfase no modo como os elementos recalcados de uma história puderam ser redescobertos e permitiram uma abertura ao novo, distanciando o autor da repetição baseada na certeza de um destino traçado. Ao mesmo tempo, o texto interroga a função da escrita em psicanálise e os conceitos de letra, objeto e sinthoma no ensino de Jacques Lacan.

Palavras-chave: psicanálise, passe, Lacan, letra, sinthoma.

How to bite the sea: This paper presents the course of a psychoanalysis with an emphasis on how the repressed elements of a story might be rediscovered in the analysis and how the new text that they compose can introduced new ways of dealing with de reality. At the same time the text interrogates the function of writing in psychoanalysis and the concepts of letter, object and sinthom in the textes of Jacques Lacan.

Key-words: psychoanalysis, the pass, Lacan, letter, sinthom.

Trauma e traçado

O corpo que temos resulta de um encontro, entre o excesso que nos habita e a incidência do Outro em nossas vidas. Os contornos deste encontro, entre gozo e significante define nossa cartografia corporal, do que será e o que não será possível em termos de prazer e dor. Muitas vezes vivido como trauma, ele pode ser apreendido como *troumatisme*, simples traçado dos pontos por onde um tanto de vida nos é extraído para que possamos, fora do absoluto do gozo, viver.

No meu caso, o encontro entre o Outro e o corpo teve toda a aparência de trauma que sintetizei numa agressão sofrida aos sete anos. Minha a garganta foi apertada, fui levantado do chão, meu corpo sacudido até que eu quase perdesse os sentidos. Era um paciente da clínica psiquiátrica em que vivi boa parte de minha infância. Nessa empresa familiar, dirija por minha avó materna, minha tia e minha mãe, tudo era mantido aparentemente sob controle por uma denegação radical do desregrado do gozo.¹

Em plena loucura era como se ela não existisse. A manobra era radical envolvendo todos e os efeitos eram drásticos, como no exemplo mais emblemático para mim: os gemidos dos pacientes à noite no pavilhão de madeira a dez passos de nossa casa, os mais comprometidos. Ignorados mesmo sendo ouvidos.

Não havia lugar para a desrazão no discurso ambiente, não havia, portanto, lugar para a mão do agressor na garganta. Teria sido sempre “não é ele”, “é puro impulso” etc. Por isso nada contei a

♦ Terceiro testemunho de passe como AE (Analista da Escola), apresentado nas XXII Jornadas Clínicas da *Escola Brasileira de Psicanálise* – Seção Rio em outubro de 2013 e, ligeiramente modificado, na Seção São Paulo da EBP alguns dias depois. Publicado com o título “Como morder o mar”, *Opção Lacaniana*, n. 67, São Paulo, EBP, dezembro de 2013, pp. 97-104. Agradeço aos amigos e colegas pelos comentários precisos aos meus primeiros testemunhos e que foram sendo incorporados neste texto, impossível sem eles.

ninguém. As mães me fizeram crer na incidência de um Outro era sem desejo, violência sem agente, real sem simbólico. Enganava-me. Na verdade, inscrevia-se, ali, o silêncio sobre o excesso do gozo, relegado ao anonimato pela manobra materna.

Do mesmo modo, tudo aconteceu como se o corpo atacado não fosse meu. A partir dali, era como se carregasse comigo uma espécie de primo invisível. Foi essa minha constituição obsessiva, por um lado livre da violência, por outro condenado à falta a ser, como a criança, conta G. Rosa, que numa feira, uma festa junina, procura o guarda e diz: *seu guarda, o sr. viu por aí um casal sem um meninozinho assim como eu?*²

O menino esganado ficou como um retrato em preto e branco, na gaveta, ainda mais oculto por um corpo vistoso bem colorido que roubava a cena. Era o corpo do narcisismo, de todo dia, definido pelo olhar da mãe, de filho preferido, estruturado como um *mosquito elétrico* (apelido dado pela tia): agitado, brilhante e brincalhão, mas que na hora "H", de se entregar, nunca estava lá. Falicizado pelo olhar da mãe, recoberto por ele, se subtraía para descompletá-lo. Saía voando na busca de um "si mesmo" de gozo sempre ausente, além, e só sossegava ao encontrar-se com a violência de um desejo.³

O louco, o analista e o resto

Minha análise veio dar nome à marca anônima do Outro, dando lugar ao tanto de gozo não recoberto pelo olhar e que não era entregue ao namoro com a violência. Como esse resto parecia feito de silêncio, por muito tempo soube que existia, mas não havia como trazê-lo à cena. Era como nessa outra piada:

Um doido estava com o ouvido colado em uma parede, aproxima-se o médico e o doido faz sinal para ele ouvir, o médico cola o ouvido e nada. O doido diz: está ouvindo? Não. Pois é, está assim há quatro horas!

Para fazer a parede falar precisei de alguém como esse doido. O analista entrou em cena em um lugar deste tipo, imprevisto. Nem mãe, nem trovão, nem guarda, ele veio em um lugar inesperado. De fato, desde o início a transferência se engajou com relação a alguém, como o doido da piada, que me parecia senhor da arte de se submeter sem sucumbir, disso parecendo extrair alguma imprecisa coisa a mais. De qualquer outro (como em uma análise anterior), a análise teria sido muito difícil senão impossível.

Não poderei entrar no detalhe da transferência, por isso a piada. Vou apenas resumir todo um percurso, extenso, de uma série de interpretações, em uma só: "Seu coração é um *tambor*". A novidade era que o "coração-tambor" localizava, condensava numa parte do corpo e não no corpo inteiro um gozo, nesse caso o de uma selvagem chamada à luta. Por ser uma parte do corpo o efeito foi o da possibilidade de em vez de entrar de cabeça na batalha para sair dela voando em caso de perigo, eu agora podia me demorar, mudar de estratégias, me entregar ao momento, e não vivê-lo no tudo ou nada.

Não é apenas o enunciado de uma interpretação que determina seus efeitos. Se a condensação do gozo no corpo pelas interpretações foi possível é porque em paralelo a elas havia uma contínua presença de intervenções sonoras de estrutura análoga em minha análise. Explico.

A voz do Outro quando quebrava o muro de sons e pensamentos que eu erigia como barreira, tinha o impacto do trovão, de demanda absoluta, que levava a uma resposta imediata: dedicar-me, corpo e alma a ações intempestivas e, no caso da análise, a amplas elaborações sobre tudo e nada. Ora, quando me embalava nesses grandes vôos sobre mim mesmo, volta e meia o analista fazia sons, os mais variados, rasgar jornal, roncar, teclar no computador.

É bem possível que de início essas intervenções sonoras tenham sido acidentais, mas ele soube a seguir utilizá-las à vontade. Por virem de onde vinham, jamais eram vividas como a mão na garganta. Perturbavam a defesa por apresentarem-se como coisas estranhas, de intenção indecidível.

A análise seria, então, um traumatismo controlado? O essencial é ter sido possível encontrar-me com restos de mim mesmo, aqueles instantes em que havia experimentado algo fora do campo da fantasia. Apresentaram-se figuras de um gozo não submetido ao imperativo materno de ser o brilhante menino que um dia se imporia ao real da loucura (e que haviam ficado até então ocultas).

Foram revelando-se, igualmente, outro tipo de sons do pavilhão ao lado, não apenas os lancinantes gemidos noturnos, mas balbucios de prazer quando os internos fora do discurso banhavam-se, tomavam sol, brincando de cavalinho e exclamando: "ô", "êh". A voz entrara em cena não mais exclusivamente como música ou trovão, mas também como objeto parcial, de desejo e causa.

Estes pequenos momentos em que pude apenas entregar-me ao vivido sem trabalho e sem temor compuseram uma colagem que mantive fragilmente coesa com um apelido de minha infância, *miquito*. Essa coesão precária foi essencial e o analista decisivo por fazer obstáculo a torná-la apenas uma forma identitária suplementar. Não a assumi como nova *persona*, o que talvez só invertesse a polaridade da fantasia sem introduzir algo novo. Mantendo *miquito* como colagem e não personagem, pude ir explorando, para cada uma de suas vivências fragmentares a presença do Outro como marca de desejos singulares, a que pude dar lugar e reconhecer.

Letra

Foi possível assim ir declinando o modo como eles haviam deixado um traçado que não era exigência, apenas conjunto instável de marcas contingentes e que não exigiam, portanto, resposta. *Miquito* era um apelido, como o do mosquito elétrico. Só que nele o que contava é que, em vez de buscar e fugir, era um *estar* no prazer. Ele veio acompanhado de um afeto novo, *ternura*, quase intolerável para mim até então.⁴

Neste ponto tive a certeza de que chegara ao limite. De fato, havia podido dar lugar a outro gozo em meu corpo e em minha vida. Minha vida mudara, tanto no casamento quanto no trabalho, pois já podia viver de um modo novo experiências e relações até então impossíveis. O quê mais buscar?

A saída para mim apresentou-se quando a voz do Outro não mais ressoou como o trovão ou o silêncio sobre um corpo-sujeito, nem em vivências de um prazer objeto, parte do corpo do Outro, mas em um *corpo-litoral*.⁵

Hoje não me parece nada acidental que Lacan tenha passado em seu ensino da ênfase no real do objeto "a", como voz, entre outros, para a ênfase no nome e na letra. Um nome é um som, uma voz, que só designa, nada ensina, nada diz sobre o nomeado, apenas que ele é ele. Este seu aspecto de letra, fora do sentido, apenas marca do encontro com o Outro, pura assinatura, passa a interessar a Lacan mais que seu aspecto vocal, pois ele é sempre, de algum modo delimitado pela forma corporal, uma voz sempre remete a um corpo, mesmo que como seu ponto de silêncio ou dejetivo.⁶

Por isso, o final definiu-se quando cheguei a um *nome* que orientou o gozo sem que isso passasse necessariamente pelo sentido. A invenção deste nome partiu do tema da *mordida*. Esse

significante era uma encruzilhada de muitos gozos, mas havia nele também meu pai. Aparentemente conciliador, um intelectual, ele tinha sua violência própria, sobretudo em seu jeito de gritar. No entanto, ele só gritava quando eu estava gritando, para me fazer silenciar, sempre dando a impressão de que era eu e não ele o agente. Foi o que veio a se concentrar na imagem de sua mão mordida (naquela época da análise eu a via volta e meia mordida por ele ter que separar as lutas entre seus muitos cães que acabavam mordendo-o).

Esse jeito de disfarçar sua violência em uma pedagogia repressora havia duplicado, ao longo de toda vida, o apagamento da mão do trauma na garganta pela ordem patriarcal. Demorei muito a perceber que nunca tinha estado às voltas com a voz do trovão ou uma violência sem agressor, mas que há sempre um desejo por trás de cada marca que nos constitui.

Mas descobrir que sempre há um agente mesmo se seu desejo é indecifrável e ver meu pai nesse lugar já tinha sido extensamente trabalhado, era o que sustentava o nome *miquito* e trouxera a ternura para minha vida. Na mão mordida havia mais.

No contexto da pacificação dos cães, certo, a mão era um pouco a velha mão na garganta, pois vinha calar. Ela incidia sobre um desejo feroz, canino, no limite do ser, mas que tornava-se um pouco "gente" ao se inscrever no campo da existência por deixar na mão sua marca, assinatura, não gozo puro, mas letra de gozo.

A mão como superfície mínima e a mordida como marca primeira, esvaziava muito a polaridade agente e agressor, ativo e passivo, pois a mão pacificadora também agredia. Porém, ainda havia nessa imagem um tanto de trauma, de paixão do significante. Um sonho e sua interpretação vieram esvaziar de vez este cenário e dar um novo destino à relação corpo, letra e gozo.

Como já narrei no primeiro testemunho, ele se passa em frente à casa materna onde um mendigo-pai é repetidamente atropelado e geme. Essa é a sequência fantasmática, que inclui seu avesso, pois o mendigo no início dorme e ronca, no bem bom, na calçada. Mas é do outro lado da rua que uma gritaria, um alarido me dá a certeza que ali está o mais importante e que o sofrimento do mendigo é *fake*, ele é realmente só um boneco. Só que do outro lado nada consigo ver, só ouvir.

O que liga os dois lados da rua e do sonho é o som. Do lado da fantasia há o motor dos carros passando pelo mendigo, uma reedição do trovão e a voz do atropelado. O sonho, ao passar progressivamente para o outro lado e mergulhar no alarido poderia ter se interrompido ali em seu ponto cego, angústia. Porém, em vez de me despertar, ele traduz uma solução para o impasse fantasmático, pois mantém o som sem corpo e retorna ao boneco, que agora, dada a gritaria, é risível, mesmo seus gemidos.

A gangorra da fantasia (ser um sujeito, mas atropelado ou gozar do bem bom da calçada, mas como mendigo) já não era um problema em minha vida e sua saída já era uma realidade e era isso que o sonho vinha apresentar, mas isso poderia ter se perdido se eu não houvesse acrescentado ao sonho o termo *mordido* e afirmado, retomando o sonho em análise: "ali, do outro lado, na gritaria há um mordido". O termo nomeia não alguém maltratado ou querendo desforra, mas uma excitação sem corpo definido, sem imagem estável, alguém "danado" ou "causado", como dizemos em nosso jargão.

Sinthoma

Essa interpretação, que reuniu a mão com a fantasia, foi a última. Mas apenas por ter sido absolutamente solitária. Naquele momento da vida eu já vivia no corpo a experiência do tanto de vida que não cabe em corpo nenhum, um gozo suplementar. De alguma forma sabia que, como

ele não tinha amparo no sentido dificilmente teria localização estável. Só teria lugar na duração se eu dele e me responsabilizasse, sozinho, por ele, dele fizesse escrita.

Disse-me, então, aquele som é de um "mordido da vida", da "amor dida da vida", que é também *mort sure* (morte certa em francês). Essa série se conclui com um quase neologismo: *mordidavida*. Ele condensa tudo isso e mais.

Mordidavida é um nome fabricado, talvez *sinthoma*, é um ato de uma escrita para dar lugar ao gozo que não foi capturado na operação da fantasia. Que lugar? Ele não está em nenhum dos dois lados da rua, não é o outro lado, pois é o movimento que a atravessa de um lado para o outro. Se a rua fosse um rio, ele seria, como escreve G. Rosa, sua terceira margem.

A voz como objeto perde consistência. Ela não é a fronteira final de uma análise, também vira resto. A voz, tornada mordidavida, é só esse som que escreve uma reiteração fora do sentido, se torna apenas esta margem que não é, mas está lá, litoral.

Poder me servir dessa mão mordida na análise, foi meu modo de realizar o que propõe Lacan com relação ao pai: Seguir servindo-se dele, para poder dispensá-lo. A mão mordida deu-lhe lugar. E exatamente a partir do único possível, o do louco. De fato, essa era sua loucura, seus 53 cachorros. Qualquer outro lugar teria sido o de sempre, ou do trovão ou do zero à esquerda.⁷

Mas para além dessa história de mãos e bocas, o que sustentou a passagem da mão na garganta como inscrição do irrepresentável como silêncio e morte, para a mordida na mão, como assinatura de um desejo irrepresentável, mas vivo na *mordidavida*, foi a voz.

Por insisto na trilha sonora de minha análise. E se eu tivesse, hoje, que dar um lugar nessa trilha sonora ao *mordidavida*, mesmo sem roupagem sonora definida, seria a do seguinte sonho, que tive na mesma época:

Nosso avião havia caído no mar, estávamos na água eu e alguns imprecisos outros. Um outro avião vem a nosso socorro, dentro dele como num telão vejo um equivalente paterno, um rei inca que virá nos salvar, mas o avião começa a cair, e o grande guerreiro vai se transformando em pigmeu, um pigmeu havaiano de sarongue, é como ele termina quando por cair na água. Quando a catástrofe se abate e o avião cai, descobrimos que estamos todos com a água pela cintura apenas. Durante todo o sonho o clima de festa é grande e o mais importante: batiamos antes a mão para nos fazer não afundar, mas agora batemos a mão na água com bastante barulho, na primeira parte para não afundarmos, na segunda apenas pelo prazer, splash, splash, splash!

A mão, agora, agita-se do desespero à alegria, mas não é nem um nem outro e sim sua própria agitação incessante e o som que ela produz o que, na minha nova microcosmologia, sustenta a mordidavida. E o corpo? No prolongamento dessa nova mão, segue entre a leveza do sujeito e a gravitação do objeto, na trilha deste sonho que ressoa meu litoral, fio de vida e linha do horizonte.

⁷ Entre outras coisas, era um modo de recusa da realidade que criava uma espécie de realidade paralela por meio de uma série de nomeações *ad hoc* que lembrava as do politicamente correto de hoje. Os pacientes eram os "alunos", o sítio era a "fazenda", um prédio tinha o nome do palácio da república, a loucura nunca era patologia, mas apenas "fragilidade" e assim por diante.

² Cf. ROSA, J. G. (1978). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 5. Além de haver esse menino faltante, parecia também não haver guarda nenhum, pois se o real é aleatório, de nada serve o Nome do pai como mediador. No meu caso, em vez da mão (ou da voz, mais comum) de um representante qualquer da ordem paterna, ou mesmo de falas maternas remetendo ao pai (que existiram, claro, pois até segunda ordem não sou psicótico), em vez disso primou a presença constante de uma violenta desordem abafada pelo caprichoso discurso matriarcal. Como se o nome do pai fosse dispensável. É que classicamente, o encontro com o real é mediado pela mão paterna. É ela que, pesada, castiga e educa, protege de outras agressões ou ao contrário agride, ou ainda, ausente, faz falta (como na piada), fazendo crer que o real segue alguma lei.

³ Este, porém, era vivido sem agressor como força da natureza. (silenciosa mesmo quando catástrofe estrondosa, voz do trovão, por só tomar o real como aleatório, nunca a presença de um desejo particular).

⁴ A fantasia que poderia ser formulada como “uma criança é esganada”, declinava-se como “silencia-se um corpo”, mas também “agita-se um menino” e finalmente havia encontrado seu lado “B”: “agarra-se um prazer” ao deixar ver que a mão que silencia é a mesma que na ternura do toque, pode acariciar.

⁵ Cf. Vieira, M. A. “No litoral”, *Opção Lacaniana*, n. 65, São Paulo, EBP, 2013.

⁶ De fato, tanto *mosquito* quando *miquito* condensavam um gozo no campo do sentido, mesmo se um deles era o lado "A" e o outro o lado "B".

⁷ Precisei de uma "mãozinha" de meu pai (sem esquecer a do analista).